

Flaviana Meiriela Aparecida Balduino



**A INCLUSÃO DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA VISUAL NO ENSINO
DE ARTES VISUAIS**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Belo Horizonte

Escola de Belas Artes da UFMG

2016

Flaviana Meiriela Aparecida Balduino

**A INCLUSÃO DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA VISUAL NO ENSINO
DE ARTES VISUAIS**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador(a): Prof (a) Bárbara de Oliveira
Ahouagi

Belo Horizonte

Escola de Belas Artes da UFMG

2016

BALDOINO, Flaviana, 1990-

A inclusão do aluno com deficiência visual no ensino de Artes Visuais:
Especialização em Ensino de Artes Visuais /. – 2015. f. (32)

Orientador(a): Bárbara de Oliveira Ahouagi

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da
Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como
requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de
Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Bárbara - AHOUAGI, Bárbara). II.
Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. A
inclusão do aluno com deficiência visual no ensino de Artes Visuais.

CDD: 707



Universidade Federal de Minas Gerais

Escola de Belas Artes

Programa de Pós-Graduação em Artes

Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada *A inclusão do aluno com deficiente visual no ensino de Artes Visuais*, de autoria de Flaviana Meiriela Aparecida Balduino, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Bárbara de Oliveira Ahouagi

Maria Luiza Dias Viana

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha

Coordenador do CEEAV

PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2015

Av. Antônio Carlos, 6627 – Belo Horizonte, MG – CEP 31270-901

Dedico este trabalho a Deus e a todos meus familiares que acreditaram, me apoiaram e a todos aqueles que sonharam com meu sucesso, contribuindo para que essa caminhada ocorresse de forma tão enriquecedora.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por estar sempre nas minhas dificuldades, me auxiliando e dando-me força para seguir e realizar meu sonho.

Aos meus pais, Edson e Maria José, que sempre estão do meu lado, dando-me apoio para buscar meus ideais, força para superar as dificuldades e amor para acalantar os dias de tristeza.

Aos meus irmãos que acreditam e apóiam na busca de meu sonho.

Ao meu esposo Paulo, que sempre esta ao meu lado, me auxiliando em minhas tarefas e trabalhos, dando sugestões e acreditando na minha capacidade de vencer e superar obstáculos.

As minhas amigas que foram companheiras em todos os momentos, sejam eles de tristeza ou de alegria, um muito obrigada, e saibam que sempre estarão guardadas do lado esquerdo do meu peito.

Ao minha orientadora Bárbara Ahouagi, que me apoiou e acreditou na minha capacidade de vencer.

E por fim uma pessoa muito especial que não está mais presente entre nos, mas com certeza vive no coração de muitos, especialmente no meu, minha avó Geralda. Busco sempre em minhas dificuldades o pensamento dela, pois ela foi um exemplo de mulher para nossa família, guerreira, amiga, avó, mãe, tia, vizinha, madrinha, uma mulher que transmitia alegria e amor a todos, afinal, alguém que deixou muitas lembranças e marcas de sua vida.

As melhores e mais bonitas coisas neste mundo não podem ser vistas nem ouvidas, mas precisam de ser sentidas com o coração.

(Hellen Keller)

RESUMO

Este trabalho relata o processo de inclusão do aluno com deficiência visual no ensino de Artes Visuais. Inicialmente, é apresentado um histórico de sobre a inclusão, relatando como foi a trajetória da inclusão no Brasil, ressaltando os desafios e possibilidades da inclusão no ensino regular. Em seguida é discutido e questionado sobre a inclusão do aluno com deficiência visual, dando ênfase ao ensino de Artes Visuais e o papel do professor nesse processo. Nesse capítulo também é abordado as questões de adaptação do espaço e do material para o aluno com deficiência visual dentro do ensino de Artes Visuais. Dando sequência, é apresentado um projeto com referência nas obras de Lygia Clark, relatando a possibilidade e as adaptações necessárias para a inclusão do aluno com deficiência visual no ensino de Artes Visuais, e ainda sugere algumas atividades e maneiras que possam ajudar e facilitar a inclusão do aluno com deficiência visual. Ao final, são feitas considerações sobre o tema apresentado.

Palavras-chaves: Inclusão; Deficiência Visual; Arte;

SUMÁRIO

Introdução	09
1 Inclusão e o trajeto histórico no Brasil	11
1.1 O conceito de inclusão	11
1.2 Histórico do processo inclusivo no Brasil	13
2 Relações entre aluno com deficiência visual, a arte e o professor de Arte	16
2.1 Conhecendo o aluno com deficiência visual.....	16
2.2 A arte para o aluno com deficiência visual	17
2.3 A importância do professor de Arte e o aluno com deficiência visual.....	18
3 Contribuições, maneiras e sugestões de incluir o aluno com deficiência visual no ensino de Arte Visuais	21
3.1 A arte além da visão.....	21
3.2 Projeto – Arte e o aluno com deficiência visual	24
3.3 Maneiras e sugestões de atividades – Arte e o aluno com deficiência visual	26
Considerações finais	28
Referências bibliográficas	30

INTRODUÇÃO

A inclusão é um tema que vem sendo abordado com o intuito de mobilizar e realizar um trabalho, que seja verdadeiro, diante da proposta de incluir e inserir o aluno no âmbito escolar. De acordo com a Declaração de Salamanca: "[...] todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter."

É importante ressaltar que a inclusão escolar deve atender todo e qualquer aluno, aceitando e compreendendo suas diferenças, disponibilizando recursos que possam atender a cada um de acordo com suas necessidades, sejam elas físicas ou mentais. O ato de incluir requer atenção, pois nem sempre o que é dito é realizado no âmbito escolar e social, pois os professores não estão preparados fisicamente, psicologicamente e nem estruturalmente para atender o deficiente, conforme a legislação pertinente.

O conceito é o mesmo, porém, o objetivo principal deste trabalho é mostrar à sociedade educacional e à sociedade em si que é possível incluir e fazer a diferença, com métodos eficientes, usados para criar alternativas de melhorias no ensino de Artes Visuais, observando-o que a inclusão pode fazer para o deficiente visual, desde a aceitação da escola, do professor, da sociedade até a adaptação curricular, desenvolvendo, ampliando e realizando o processo de ensino-aprendizagem através do ensino de Artes Visuais e de outros recursos disponibilizados.

O fator da inclusão gera desconforto para aqueles profissionais que estão despreparados para receber alunos com deficiência visual, assim como para qualquer tipo de deficiência.

Este trabalho tem como intuito, investigar sobre a inclusão do aluno com deficiência visual no ensino regular nas aulas de Artes Visuais, sugerir maneiras e possibilidades de trabalhar com esse aluno não-visual e apresentar maneiras e sugestões de atividades que comprovem que é possível incluir aluno com deficiência visual nas aulas de Artes Visuais, juntamente com a participação de um todo, escola, familiares, professores e alunos.

As reflexões pautadas neste trabalho partiram de uma experiência anterior, onde pude no trabalho de conclusão de curso do Curso de Pedagogia indagar sobre

a inclusão do aluno com deficiência visual no ensino regular. Isso veio a tona novamente, e então me perguntei como seria incluir também esse aluno não-visual no ensino de Artes Visuais.

Proponho então abordar este assunto, elencando no primeiro capítulo os aspectos legais criados juntamente com um breve histórico da inclusão no Brasil.

No segundo capítulo, propor um questionamento entre o aluno com deficiência visual e o papel do professor de Arte nesse processo.

E para concluir, mostrar no terceiro capítulo o projeto e sugestões de atividades que visam fazer a arte para o aluno com deficiência visual, mostrando que o incluir é possível.

A imagem a seguir propõe uma reflexão sobre o incluir e a Proposta Triangular, criada por Ana Mae Barbosa, na qual envolve três eixos: fazer arte, ver arte e contextualizar a arte.

Figura 1 – Exposição de Arte para deficientes visuais.



Fonte: <https://www.ufmg.br/online/arquivos/017470.shtml>. 2010.

Incluir é trazer para dentro do contexto do aluno não-visual, além desses três eixos, o sentir e o tocar, tornado um momento de produção, prazer e reflexões sobre a Arte, quanto para o ser em si, mais também para o ser social e inclusivo.

1 INCLUSÃO E O TRAJETO HISTÓRICO NO BRASIL

1.1 O CONCEITO DE INCLUSÃO

O ato de incluir define-se em ter um olhar ampliado, ter em mente que todo ser é diferente, que se vive em um país diversificado, onde várias culturas e raças se unem em uma única nação. Nesse contexto, ainda se vê vestígios de preconceitos pela sociedade. É neste momento que profissionais da educação, juntamente com a família e a sociedade, quebram paradigmas, quando trazem à tona a questão da Educação Inclusiva¹ no contexto da educação brasileira. Diante disso é importante ressaltar alguns conceitos sobre a inclusão, a partir de autores quem vêm estudando esse tema. Segundo publicado na página de BRASIL (Ministério da Educação e Cultura, sd),

Na perspectiva da educação inclusiva, o foco não é deficiência do aluno e sim os espaços, os ambientes, os recursos que devem ser acessíveis e responder a especificidade de cada aluno. Portanto, a acessibilidade dos materiais pedagógicos, arquitetônicos e nas comunicações, bem como o investimento no desenvolvimento profissional, criam condições que asseguram a participação aos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. Vivemos um tempo de transformação de referências curriculares, que indicam que não cabe ao aluno se adaptar à escola tal como foi construída; a escola é que deve se reconstruir para atender a toda a sua comunidade, da qual fazem parte pessoas com e sem deficiência. Portanto, são necessárias as adaptações nos espaços e nos recursos e principalmente uma mudança de atitude, que já reflitam a concepção de desenho universal, não só na estrutura física das escolas, como também no desenvolvimento das práticas de ensino e aprendizagem e nas relações humanas.² (BRASIL, Ministério da Educação e Cultura, 2015)

Percebe-se que do ponto de vista da educação a inclusiva, a inclusão requer fatores estruturais, profissionais e sociais. Ainda nesse mesmo contexto vale lembrar a luta ao direito a igualdade educacional principalmente dentro dos aspectos inclusivos nos quais garantem a inclusão a todas as crianças.

Luta que vem se firmando e atentando a sociedade, que é direito de todo cidadão à educação de qualidade. Nesse sentido, entende-se que a inclusão é um direito de todo cidadão, desde a parte física da escola, os conteúdos adaptados, os

¹ O conceito de Educação Inclusiva surgiu a partir de 1994, com a Declaração de Salamanca. A ideia é que as crianças com necessidades educativas especiais sejam incluídas em escolas de ensino regular.

² Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 10 set. 2015.

materiais e a qualificação do professor, buscando conhecer as necessidades dos alunos e realizando o trabalho onde atenda à dificuldade de cada um, garantindo a igualdades às crianças com necessidades especiais, incluindo e integrando.

Segundo o Ministério da Educação e a Secretaria de Educação Especial, “A educação inclusiva aspira fazer efetivos o direito à educação, a igualdade de oportunidades e de participação”. (BRASIL 2005 p.08)

É importante destacar que a educação inclusiva se dá a partir de um conceito de aceitar as diferenças e criar ambientes favoráveis ao aluno no processo ensino-aprendizagem. É preciso conhecimento sobre o aluno, para que assim o profissional da educação busque corretamente adaptações e crie um ambiente favorável de ensino-aprendizagem.

A respeito disso o Ministério da Educação e a Secretaria de Educação Especial, afirma que:

A educação inclusiva implica uma visão diferente da educação comum, baseada na heterogeneidade e não na homogeneidade, considerando que cada aluno tem uma capacidade, interesse, motivações e experiência pessoal única, quer dizer, a diversidade está dentro do 'normal. (BRASIL 2005 p.10)

Aceitar a diversidade é o principal para que a educação inclusiva ocorra. O conceito criado por Rosane do Carmo Machado, que define a inclusão de forma esclarecedora, na qual diz que:

A escola inclusiva tem como compromisso de ser competente no seu propósito de incluir, deve enxergar além da diferença, lembrando que cada criança é um ser único e que a utilização de todos recursos disponíveis deve contribuir para que esta singularidade se firme na aceitação de uma construção de mundo diferenciado. A diferença faz parte do cotidiano e não deve dar origem a desigualdade de oportunidades ou desvalorização das pessoas. Afinal, ser diferente é algo comum. (MACHADO 2009, p.17 e 18)

Entende-se que a inclusão se dá a partir do ato de inserir o aluno no âmbito escolar, buscando alternativas de integrar e realizar o processo ensino-aprendizagem, de acordo com seu desenvolvimento cognitivo, respeitar seu desenvolvimento e seu tempo de aprender.

Isto vem ao encontro com as ideias de Maria Teresa Églér Mantoan que em seu artigo diz que “Incluir é necessário, primordialmente, para melhorar as condições da escola de modo que nela se possam formar gerações mais preparadas para viver

a vida na sua plenitude, livremente, sem preconceitos, sem barreiras”³ (MONTAAN, 2009)

1.2 HISTÓRICO DO PROCESSO INCLUSIVO NO BRASIL

As primeiras iniciativas no Brasil, no atendimento de pessoas portadoras de deficiências, foram no ano de 1857, no Rio de Janeiro com o Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, hoje conhecido como Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES.

Porém, foi no início do século XX que se deu início aos primeiros passos sobre a inclusão, onde o ser passa ser visto como cidadão de direitos e deveres. Em 1948 surge o primeiro documento dessa nova visão sobre a inclusão, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, que vem permitir o direito à educação a todas as pessoas.

A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988⁴ teve como intuito garantir o atendimento aos portadores de deficiências na rede regular de ensino. No ano seguinte, a Lei Federal nº 7.853,⁵ item Educação, oferta a obrigatoriedade da Educação Especial⁶ gratuita em estabelecimentos públicos.

Nos anos 90, criada na Tailândia, de 5 a 9 de março de 1990, a Declaração Mundial Sobre a Educação para Todos deixa explícito o direito à educação: “Cada pessoa - criança, jovem ou adulto - deve estar em condições de aproveitar as oportunidades educativas voltadas para satisfazer suas necessidades básicas de aprendizagem”.⁷

A Declaração Mundial sobre a Educação para Todos, deixa claro que a educação é direito de todas as pessoas, independente de suas condições sociais e culturais, e que ela seja de qualidade, favorecendo a educação social do indivíduo.

³ Disponível em: <http://www.bengalalegal.com/mantoan>. Acesso em: 21 dez. 2015.

⁴ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Art.308 item III. Acesso em: 13 set. 2015.

⁵ Lei Federal nº 7.853. <http://www010.dataprev.gov.br/sislex/paginas/42/1989/7853.htm>. Acesso em: 13 set. 2015.

⁶ A Educação Especial foi assumida pelo poder público em 1957 com a criação das "Campanhas", que eram destinadas especificamente para atender a cada uma das deficiências.

⁷ DECLARAÇÃO MUNDIAL SOBRE EDUCAÇÃO PARA TODOS: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem Jomtien, 1990. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000862/086291por.pdf>. Acesso em: 13 set. 2015.

Anos depois foi declarada na Espanha, entre 7 a 10 de junho de 1994, a Declaração de Salamanca representa a integração e escolarização a todos, onde

- toda criança tem direito fundamental à educação, e deve ser dada a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem,
- toda criança possui características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem que são únicas.⁸

A Declaração vem frisar o respeito às diferenças, às capacidades e às habilidades de cada criança, de acordo com seu desenvolvimento e de sua aprendizagem.

Ainda de acordo com Salamanca, “o direito ao acesso à escola regular, e abre um leque de orientações quanto à postura e às atitudes que combatem a discriminação e o preconceito de alunos com necessidades especiais”. (Salamanca 1994, p. 01)

É a partir desse histórico que a educação inclusiva se destaca, dando origem a conceitos, formas e estratégias, a partir de leis e movimentos que aconteceram no século XX e sirvam de espelho para o século XXI, na realização de um trabalho cauteloso e burocrático, porém de aprendizagem e realizações positivas.

Partindo desses aparatos legais sobre a inclusão, surgem inúmeras indagações se realmente possível incluir o aluno com necessidades especiais no ensino regular?

Isso se dá, pois a inclusão é algo maior do que o simples fato de adaptar para incluir.

Sasaki (1997, p. 41) ressalta que a inclusão vai além do adaptar, onde cada um seja capaz respeitar e batalhar por ideais, criando uma identidade capacidade de expressar nas situações do dia a dia.

Dentro desta perspectiva conclui-se que a inclusão visa não apenas embasamentos teóricos, mais propõe uma busca pessoal para agir e construir saberes.

⁸ DECLARAÇÃO DE SALAMANCA (Espanha) / UNESCO 1994 Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2015.

Para conhecer melhor o processo de inclusão é preciso conhecer a deficiência a ser incluída e buscar meios de efetivar esse processo de ensino aprendizagem.

Um exemplo intrigante é de como incluir um aluno com deficiência visual no ensino regular? Ou ainda, como incluir o aluno com deficiência visual no ensino regular dentro da disciplina de Artes Visuais? São questões que demandam conhecimento, pesquisa e busca pessoal, pois o processo de inclusão envolve vários fatores, entre eles as condições físicas do espaço.

2 RELAÇÕES ENTRE O ALUNO COM DEFICIÊNCIA VISUAL, A ARTE E O PROFESSOR DE ARTE

2.1 CONHECENDO O ALUNO COM DEFICIÊNCIA VISUAL

De acordo com Decreto nº 3.298/99, Art. 3º⁹, a deficiência é definida da seguinte maneira.

I - deficiência - toda perda ou anormalidade de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica que gere incapacidade para o desempenho de atividade, dentro do padrão considerado normal para o ser humano; (Decreto nº 3.298/99, Art. 3º)

A partir desse decreto citado, entende-se que a deficiência, é a anormalidade, dificuldade que o ser tem; porém, não impede que o aluno exerça seu papel de estudante participante e que seja integrado no âmbito escolar ou social, mesmo que necessite de instrumentos ou adaptações.

A deficiência visual enquadra-se nesse perfil, pois a deficiência visual é um impedimento da passagem de luz no globo ocular, apresentada por uma perda de acuidade ou campo visual, ou seja, a acuidade visual afeta a visão central e o campo visual, afeta a visão periférica. A deficiência visual pode ser congênita ou adquirida, sendo ela classificada em baixa visão ou visão subnormal e a cegueira, que de acordo MEC conceituam-se a baixa visão sendo “a alteração da capacidade funcional da visão” e a cegueira sendo “a perda total da visão, até a ausência de projeção de luz.”

Partindo dos conceitos e indagações anteriores, é difícil imaginar a vida sem imagens, no entanto a pessoa com deficiência visual possui um aperfeiçoamento dos outros sentidos, o que faz com que ele consiga sentir principalmente pelo tato, sensações, texturas e emoções.

A princípio a pessoa com deficiência visual era visto de forma indiferente, no qual a sociedade excluía e não “enxergava” o potencial, a capacidade da pessoa com deficiência visual, nas relações sociais e com o passar do tempo vem conquistando espaço a partir de leis que regem o seu direito a educação, onde o aluno deve ser atendido de acordo com suas necessidades psíquicas e físicas.

⁹ DECRETO Nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/dec3298.pdf>. Acesso em: 17 out. 2015.

Dentro da inclusão do deficiente visual, a adaptação física do espaço é algo muito importante, principalmente pela questão de acessibilidade e mobilidade do aluno. Além destas adaptações físicas é imprescindível a adequação do material dentro do contexto de cada disciplina oferecida ao aluno deficiente visual, tendo como princípio a percepção tátil e descrição do que for proposto.

2.2 A ARTE PARA O ALUNO COM DEFICIÊNCIA VISUAL

No ensino de Artes Visuais, o processo de produção tem um papel fundamental na formação cultural e na aprendizagem do aluno com deficiência visual.

O BRASIL PCN, 1998, destaca que:

A arte na escola constitui uma possibilidade para os alunos exercitarem suas coresponsabilidades pelos destinos de uma vida cultural individual e coletiva mais digna, sem exclusão de pessoas por preconceitos de qualquer ordem. (BRASIL, PCN, 1998, p.38)

Contudo é preciso um trabalho responsável e diversificado, onde cada aluno seja capaz de se expressar e desenvolver capacidades artísticas dentro de um contexto de ensino aprendizagem inclusivo.

O MEC enfatiza ainda que “a comunicação artística do aluno com deficiência visual é influenciada pelo grau de perda visual, pelo período da instalação da deficiência e pelas oportunidades de contato concreto com a realidade, já vivenciadas pelo aluno”. (MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.p. 159)

A arte é capaz de produzir sensações únicas, além de estimular o deficiente visual a identificar texturas, formas e a elaborar o conceito de figura em sua mente.

Em entrevista, Ana Mae Barbosa destaca os benefícios do ensino de artes onde diz que:

O bom ensino de arte precisa associar o "ver" com o "fazer", além de contextualizar tanto a leitura quanto a prática. Essa teoria ficou conhecida como "abordagem triangular". Para se aprender, é preciso ver a imagem e atribuir significados a ela. Contextualizá-la não só do ponto de vista artístico, como também socialmente.¹⁰ (BARBOSA, 2011)

¹⁰ Entrevista Ana Mae Barbosa. Caminhos para a conscientização. Disponível em: <http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/97/artigo233134-1.asp>. Acesso em: 21 dez. 2015.

Ela revela a importância da arte e do professor como mediador no ensino de Artes Visuais para o aluno com deficiência visual, tornando-a capaz de encontrar maneiras que facilitem a compreensão do mundo, texturas, das cores e o mais importante, e que ele consolide o processo de ensino-aprendizagem no ensino de Artes Visuais.

Para explorar as cores é utilizado texturas diferentes nas quais dão significado as cores

2.3 A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR DE ARTE E O ALUNO COM DEFICIÊNCIA VISUAL

No decorrer da história, o papel do professor apresentou mudanças, algumas positivas e outras negativas. Contudo vê-se que o professor é peça fundamental na transformação de indivíduos dentro do processo de ensino-aprendizagem.

No entanto, é preciso dedicar-se e acreditar que é possível a mudança através do professor e de suas ações frente aos alunos. Mesmo sendo desafiador, o professor tem o poder de proporcionar ações, principalmente quando se fala do processo de inclusão.

Partindo dessas afirmações o PCN de Arte, ressalta que “é importante que professores e alunos de arte sintam, percebam, pensem na mobilidade desse conhecimento presente na história da arte e nos processos pessoais e coletivos”.(BRASIL PCN, 1998, p. 38)

Isso reforça mais uma vez a importância do professor no processo artístico, onde as experiências vão além do apenas fazer e sim do conhecimento, de técnicas, e do sentir o mundo através do tocar.

O professor de Arte tem como função proporcionar experiências ao aluno com deficiência visual que movam uma vontade de ensinar e incluir esse aluno dentro dos parâmetros de ensino. Para isso é necessário adaptações que ajudem nesse processo, onde seja significativo e produtivo.

De acordo com o MEC, cabe aos professores seguir alguns parâmetros para que haja a eficácia no trabalho de inclusão do aluno com deficiência, onde o professor deve estar atento as seguintes orientações.

- Procurar obter todas as informações sobre como o aluno percebe o meio, elabora suas percepções, pensa e age.
- Tomar a seu cargo a tarefa de ensinar, acompanhar e verificar a aprendizagem, deixando ao professor especializado as tarefas que dependam de conhecimento específico ou do uso de recursos especiais.
- Recorrer ao professor especializado sempre que necessitar de orientações específicas que norteiem seu trabalho em classe.
- Verbalizar, na medida do possível, situações que dependem exclusivamente do uso da visão.
- Procurar não isentar o aluno da execução das tarefas escolares.
- Fazer as verificações de aprendizagem do aluno com deficiência visual no mesmo momento em que as realiza com os demais alunos.
- Utilizar, quando possível, materiais que atendam tanto ao aluno com deficiência visual quanto aos de visão normal.
- Propiciar oportunidades para que o aluno vivencie certas situações que interessem ao desenvolvimento da matéria. (MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.p. 139 e 140)

Ao analisar o papel do professor ao incluir o aluno com deficiência visual, percebemos o quanto é trabalhoso e complexo, no entanto para ajudá-lo existe o AEE (Atendimento Educacional Especializado), que tem a tarefa de trabalhar com o aluno inclusivo, objetivando suprir suas necessidades e assegurar o direito de acesso a recursos que possam potencializar suas capacidades, desenvolvendo seu conhecimento cognitivo.

De acordo com as autoras Elizabet Dias de Sá, Myriam Beatriz Campolina Silva e Valdirene Stigler Simão, o Atendimento Educacional Especializado é

Um serviço da Educação Especial, criado com o objetivo de oferecer condições que possibilitem o acesso aos conteúdos escolares e ao conhecimento em geral para os alunos com deficiência física, sensorial e intelectual. Trata-se de uma alternativa disponível no âmbito do sistema escolar para o aluno que dele necessitar, construindo-se como um direito e não como uma condição obrigatória para o ingresso e permanência na escola. (SÁ,; SILVA; SIMÃO, 2010, p. 32).

Observa-se que, a partir desse atendimento que é na maioria das vezes individualizado, o aluno se desenvolve de forma participativa, buscando o objetivo, do conhecimento.

O atendimento é realizado no contraturno da escola, pois esse atendimento não substitui o ensino regular. Ele acontece em um espaço próprio e que

disponham de recursos, materiais e equipamentos de contribuição significativa. Um desses trabalhos que o professor de AEE realiza, é a confecção e ampliação de material, onde tem como propósito auxiliar o trabalho do professor em sala de aula que em nosso contexto é o professor de Artes. Ele poderá confeccionar materiais que facilitem a prática do ensino de Artes Visuais dentro de sala. Além desse material confecciona provas e pequenos textos. O AEE é direito de todos e de responsabilidade municipal.

3 CONTRIBUIÇÕES, MANEIRAS E SUGESTÕES DE INCLUIR O ALUNO COM DEFICIÊNCIA VISUAL NO ENSINO DE ARTES VISUAIS

3.1 A ARTE ALÉM DA VISÃO

Ao iniciar as pesquisas para a construção deste capítulo, surgiu mais um questionamento. Qual ou quais artistas poderiam contribuir na inclusão do aluno com deficiência visual?

Partindo dessa indagação encontrei Lygia Clark, que deixa claro em suas obras a importância do tatear, do sentir a arte.

Em sua biografia é possível conhecer um pouco do seu trabalho, deixando claro alguns passos da inclusão no ensino de arte. Um trecho importante é onde diz que:

A trajetória de Lygia Clark faz dela uma artista atemporal e sem um lugar muito bem definido dentro da História da Arte. Tanto ela quanto sua obra fogem de categorias ou situações em que podemos facilmente embalar; Lygia estabelece um vínculo com a vida, e podemos observar este novo estado nos seus "Objetos Sensoriais, 1966-1968": a proposta de utilizar objetos do nosso cotidiano (água, conchas, borracha, sementes), já aponta no trabalho de Lygia, por exemplo, para uma intenção de desvincular o lugar do espectador dentro da instituição de Arte, e aproximá-lo de um estado, onde o mundo se molda, passa a ser constante transformação. (Biografia de Lygia Clark)

Essa relação da vida com as sensações é uma proposta que pode ser trabalhada no ensino de Artes Visuais com o aluno com deficiência visual, o material citado no trecho transmite percepções concretas do mundo, quanto na produção quanto na tateação¹¹ da obra em si, construindo no aluno uma identidade pessoal e social da arte.

Em suas obra "Objetos Sensoriais" e "Bichos" ela mostra muito bem essa relação com a vida e as sensações.

¹¹ Conhecer pelo tato; apalpar. Indagar, buscar com tato; sondar com cautela. Apalpar com as mãos, os pés ou algum objeto (bengala etc.), ou apenas fazer menção de, para procurar alguma coisa ou guiar-se por ela: andar tateando na escuridão.

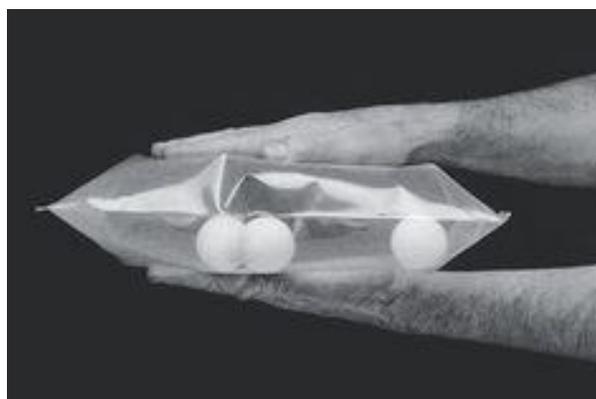
Veja nas imagens abaixo um pouco dessas obras:

Figura 2 – "Desenho com o dedo", 1966 – Objetos sensoriais



Fonte: <http://www.lygiaclark.org.br/biografiaPT.aspF>

Figura 3 – "Ping-pong", 1966 – Objetos sensoriais



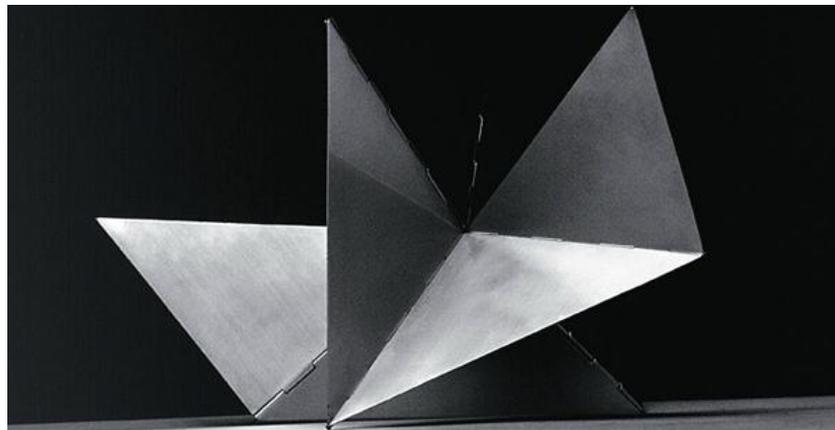
Fonte: <http://www.lygiaclark.org.br/biografiaPT.aspF>

Figura 4 – "Água e conchas", 1966 – Objetos sensoriais



Fonte: <http://www.lygiaclark.org.br/biografiaPT.asp>

Figura 5 – "Caranguejo", 1960 – Bicho



Fonte: <http://www.lygiaclark.org.br/biografiaPT.asp>

Lygia Clark, além de trabalhar com o concreto, realizou algumas experiências de fins terapêuticos, nos quais há grandes relações com os estudos e pesquisas.

Em outro trecho é possível confirmar essas experiências, onde diz que Lygia:

Abandona, então, as experiências com grupos e inicia uma nova fase com fins terapêuticos, com uma abordagem individual para cada pessoa, usando os “Objetos Relacionais”: na dualidade destes objetos (leves/pesados, moles/duros, cheios/vazios), Lygia trabalha o “arquivo de memórias” dos seus pacientes, os seus medos e fragilidades, através do sensorial. Ela não se limita apenas ao campo estético, mas sobretudo ao atravessamento de territórios da arte. Lygia Clark desloca-se para fora do sistema do qual a arte é parte integrante, porque sua atitude incorpora, acima de tudo, um exercício para a vida. ¹² (Biografia de Lygia Clark)

Outra artista que também contribui com a percepção tátil, foi Lygia Pape, escultora, gravadora e cineasta. Seguindo os mesmos passos de Lygia Clark, ela também realizou trabalhos sensoriais. Em palavras de Fernando Cocchiarale, 1994¹³, diz que Lygia Pape:

...ao longo de sua obra, trabalhou a integração das esferas estética, ética e política. Isto é, ela escolheu agir num terreno ambíguo situado entre a percepção coletiva (não apenas a de teor histórico e cultural, mas também institucional) e a percepção individual (tanto sensorial, quanto cognitiva) do espaço e da imagem brasileiros. (COCCHIARALE, 1994, s.p.)

Além dessas duas artistas, há inúmeros artistas que também trabalharam e outros que ainda buscam a compreensão do mundo de forma diferente, seja ela através do relevo, das formas ou do tridimensional.

Considerando os trabalhos desses artistas, conclui-se que é possível criar um mundo de possibilidades dentro do que chamamos de inclusão, indo além do que é proposto apenas, mais reinventando-se dentro de uma proposta inovadora, direcionada e eficaz, na inclusão do aluno com deficiência visual no ensino de Arte Visuais.

3.2 PROJETO – ARTE E O ALUNO COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Após a pesquisa realizada com as artistas anteriores, percebe-se a possibilidade de criar uma relação entre a arte e o aluno com deficiência visual, criando um espaço propício para o aprendizado de Arte.

¹² O mundo de Lygia Clark. Biografia. Disponível em: <http://www.lygiacklarck.org.br/biografiaPT.asp>. Acesso em: 07 jan. 2016.

¹³ Fernando Cocchiarale, 1994. Lygia Pape e a renovação da arte brasileira. Disponível em: <http://www.lygiapape.org.br/pt/lygia.php>. Acesso em: 07 jan. 2016.

As artistas Lygia Clark e Lygia Pape, em suas obras proporcionam o tocar e o sentir. Partindo desses princípios, compreende-se que a arte deve ser traduzida em diferentes formas, tamanhos, cores, texturas, cheiros.

Ao elaborar uma atividade para um aluno deficiente visual, o professor deve estar atendo primeiramente no material utilizado, ou seja, o suporte que ele usará, dando ênfase a história, artistas, técnicas entre outros.

Dentro dessa perspectiva, proponho um projeto para ser trabalhada no ensino de Arte para deficientes visuais, na qual estimula uma total interação da classe, tornando acessível e inclusiva, onde seja visível a possibilidade de trabalhar a Arte e a inclusão do aluno deficiente visual no ensino regular.

Com o propósito de trabalhar com a tridimensionalidade e o relevo no ensino de Arte, o projeto tem como referência as obras de Lygia Clark, onde o principal objetivo é traduzir no aluno a experiência da arte de uma maneira sensorial e tátil, proporcionando um contato físico com a obra criada.

O projeto é dividido em três partes, onde se apresentam da seguinte forma:

- Apresentar a artista e as características principais de suas obras.
- Definir e coletar materiais diversificados para construção de uma obra.
- Reproduzir as obras de Lygia Clark.

O primeiro passo é apresentar a biografia da artista através de um slide, contendo texto e imagens.

Após a apresentação, conversa informal sobre o material apresentado, indagando as características de suas obras e materiais utilizados.

Em seguida realizar a coleta de sementes diversas, folhas, ervas, pedras, areis, galhos e também materiais sensoriais como papeis texturizados lixas, algodão, espuma, argila, entre outros.

O próximo passo é a realização de exercícios, que através das texturas possam proporcionar um efeito tridimensional ou em relevo, utilizando também as percepções olfativas.

E por fim a apresentação dos trabalhos aos alunos e professores e em espaços fora da sala de aula, onde possam aguçar os sentidos do tato e olfato, mostrando as possibilidades e as maneiras de incluir o aluno com deficiência visual no ensino de Artes Visuais.

3.3 MANEIRAS E SUGESTÕES DE ATIVIDADES – ARTE E O ALUNO COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Além do projeto apresentado, há várias atividades que podem ser trabalhadas com o aluno com deficiência visual no ensino de Artes e que são de grande importância.

A Sociedade de Assistência aos Cegos (SAC) ¹⁴ potencializa ao ensino de Arte onde diz que:

A aula de Artes é essencialmente importante, por ser um modo através do qual ele pode expressar seus sentimentos e sua percepção do mundo. Ela pode ajudá-lo na formação dos conceitos e das imagens mentais das coisas que ele não vê, no desenvolvimento da sua criatividade e senso estético. É também nesta aula, que ele pode trabalhar, mais especificamente, com a coordenação motora fina e com a mobilidade dos seus dedos e mãos, muito necessários para ele, mas pouco trabalhados devido aos movimentos contínuos e rígidos da escrita Braille. Ele vai precisar dessa mobilidade para aprender a assinar seu nome e para perceber melhor, pelo tato, os objetos. Outro aspecto que pode ser trabalhado na Educação Artística é a exploração de diferentes relevos, formas e texturas, o que lhe é agradável e importante para o aprimoramento das suas capacidades perceptivas e organização mental dos objetos do mundo. (SAC, 2015, s. p)

Além de valorizar a arte como instrumento inclusivo e de aprendizagem a Sociedade de Assistência aos Cegos disponibiliza algumas sugestões de atividades para serem trabalhadas no ensino de Arte com os deficientes visuais.

Entre elas estão o desenho com giz de cera em espaços delimitados com barbante, trabalhos com massa de modelar ou argila, mosaico com tecidos de várias texturas entre outras. São atividades acessíveis e que proporcionam ao aluno experiências únicas.

Outra atividade pertinente é a construção de objetos com materiais concretos, nos quais irá permitir ao aluno a percepção do mundo ao seu redor.

Durante a realização da atividade deve-se observar e trabalhar dentro da proposta triangular, de Ana Mae Barbosa. Com base nela você irá proporcionar ao aluno o processo de ensino/aprendizagem que vai além do fazer arte, e sim visa a compreensão e contextualização da arte em si, criando uma visão crítica onde não há certo ou errado.

¹⁴ Disponível em: http://www.sac.org.br/instituto/APR_EAR.htm. Acesso em: 25 jan. 2016.

Assim como Lygia Clark em sua obra “Bichos”, esculturas metálicas articuláveis e em formas geométricas, a atividade apresentada visa o tocar, brincar, manipular e descobrir formas.

Os materiais sugeridos para a atividade são toquinhos de madeira, serragem e galhos.

É a partir desse material e dos conhecimentos prévios que o aluno com deficiência visual irá construir objetos simples e do seu convívio, usando uma base de mdf ou papelão, dando ênfase as formas, tamanhos e texturas.

Essas sugestões visam a inclusão e promoção do aluno deficiente visual dentro do ensino de Arte, nas quais não possuem uma fórmula ou receita pronta, é preciso adaptações e dedicação dentro desse processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como propósito abordar sobre a inclusão do deficiente visual no ensino de Arte.

Dentre as pesquisas sobre esse processo, surgiram questões a respeito de como a inclusão se deu ao longo dos tempos, dando ênfase as leis que promovem e protegem as pessoas com deficiência.

A inclusão é um tema que vem sendo abordado cada vez mais, porém ainda é preciso ser mudado o conceito de inclusão diante os profissionais da educação, onde o acreditar possa tornar-se uma palavra essencial neste processo, para que aconteça de forma verdadeira.

O direito à educação nos dá a ideia de que a inclusão acontece, no entanto, mesmo tendo um aparato em nas leis que regem o processo de inclusão muitos ainda se dizem despreparados para atender o aluno inclusivo percebendo então uma caminhar ainda lento, no processo de aceitação, busca e resultados.

Dentro de um patamar histórico no Brasil, observa-se que o maior passo da inclusão se deu por volta dos anos 1990, onde se criaram leis e decretos que atendessem e protegesse as diferentes deficiências ao direito a educação.

Com a busca de entender as dificuldades e as limitações do aluno com deficiência, fica clara a importância de conhecê-lo, ou seja, buscar entender como esse aluno enxerga, resultando em adequações, adaptações e modificações que possam suprir as necessidades da criança.

Além dessas modificações foram elencadas também algumas sugestões de atividades para trabalhar com o aluno com deficiência visual no ensino de Arte com o propósito de facilitar o processo de ensino-aprendizagem do aluno.

Analisando os estudos realizados, pude perceber que o processo de inclusão do aluno com deficiência visual no ensino de Arte, é minucioso e propõe uma busca pessoal, no qual envolve uma relação de conhecimento, pesquisa e elaboração dentro do contexto da Arte, além de buscar artistas que possam ser exemplo ou referência nesse processo.

Nas atividades propostas neste trabalho, tive como referência as obras de Lygia Clark, nas quais ela trabalha com o tocar e manipular a obra, proporcionando uma experiência única e uma construção crítica em relação a cada obra de Arte.

Mesmo tendo em mente que o processo de inclusão ainda esta caminhando em passos lentos, é importante ressaltar que o professor é peça fundamental, juntamente com a escola e a família dentro do processo de inclusão, onde não há limites e nem barreiras que os impeçam de criar, inovar, buscar, e reconhecer como é bom o ato de educar, de incluir, ou seja, plantar e colher os frutos da sabedoria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A DEFICIÊNCIA. Educação inclusiva/ Especial. Disponível em: <http://www.deficiencia.no.comunidades.net/educacao-inclusiva-especial>. Acesso em: 21 set. 2015.

A EDUCAÇÃO ESPECIAL NO BRASIL – DA EXCLUSÃO À INCLUSÃO ESCOLAR. Disponível em: <http://www.lite.fe.unicamp.br/cursos/nt/ta1.3.htm>. Acesso em: 04 jan. 2016.

BARBOSA, Ana Mae. Caminhos para a conscientização. (Entrevista) Disponível em: <http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/97/artigo233134-1.asp>. Acesso em: 21 dez. 2015.

BRASIL. CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Art.308 item III. Acesso em: 13 set. 2015.

BRASIL. DECRETO Nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/dec3298.pdf>. Acesso em: 17 out. 2015.

BRASIL. Lei Federal nº 7.853. <http://www010.dataprev.gov.br/sislex/paginas/42/1989/7853.htm>. Acesso em: 13 set. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. *Como está sendo feita a inclusão de alunos com deficiência que nunca tiveram contato com as classes regulares? É necessário algum tipo de adaptação?* Sd. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>> Acesso em: 10 set. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Ensaios pedagógicos - construindo escolas inclusivas: 2005.p.08 e10. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/txt/ensaiospedagogicos.pdf>. Acesso em: 03 set. 2015.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental, Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte – 5º a 8º séries. Brasília: MEC/SEF, 1998. P 38.

CLARK, Lygia. O mundo de Lygia Clark. Biografia. Disponível em: <http://www.lygiac Clark.org.br/biografiaPT.asp>. Acesso em: 07 jan. 2016.

COCCHIARALE, Fernando. 1994. Lygia Pape e a renovação da arte brasileira. Disponível em: <http://www.lygiapape.org.br/pt/lygia.php>. Acesso em: 07 jan. 2016.

DACAR, Aline. Biblioteca Central Exibe arte para deficientes visuais, 2010. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/online/arquivos/017470.shtml>>. Acesso em: 08 set. 2015.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA (Espanha) / UNESCO 1994 Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 08 e 16 set. 2015.

DECLARAÇÃO MUNDIAL SOBRE EDUCAÇÃO PARA TODOS: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem Jomtien, 1990. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000862/086291por.pdf>. Acesso em: 13 set. 2015.

DICIO. Dicionário. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/tatear/> Acesso em: 05 fev. 2016.

MACHADO, Rosane do Carmo. *Descomplicando a escrita Braille: considerações a respeito da deficiência visual*. Curitiba: Juruá, 2009.p. 17 e 18.

MONTOAN, Maria Teresa Eglér. O Direito à Diferença na Igualdade de Direitos. Disponível em: <http://www.bengalalegal.com/mantoan>. Acesso em: 21 dez. 2015.

SÁ, E.; SILVA, M.; SIMÃO, V. *Atendimento Educacional Especializado do aluno com deficiência visual*. São Paulo: Moderna, 2010. p. 32.

SASSAKI, R.K. *Inclusão: Construindo uma sociedade para todos*. Rio de Janeiro: WVA, 1997, p. 41.

SEESP/MEC. Saberes e práticas da inclusão : desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos cegos e de alunos com baixa visão.[2. ed.] / coordenação geral SEESP/MEC. - Brasília : MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.p.16-139-140-159

SOCIEDADE DE ASSISTÊNCIA AOS CEGOS - S A C. Sugestões De atividades Para Os Alunos Portadores De Deficiência Visual: Educação Artística. Disponível em: http://www.sac.org.br/apr_ear.htm. Acesso em: 25 jan. 2016